

MUDANÇA DE PELE: O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA

Inara de Oliveira Rodrigues¹
Maiane Pires Tigre²

RESUMO: Em *Mayombe* (1980), Pepetela apresenta um painel social e político do período da guerra de libertação de Angola, fazendo entrever o conjunto de fraturas expostas da sociedade angolana: tribalismo, sexismo, corrupção no seio do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e suas consequências no processo de construção do novo país. Nesse contexto, desenvolve-se uma inevitável “mudança de pele” à proporção que é questionada a usurpação do território e dos sujeitos angolanos pelo colonialismo e capitalismo português, revelando um novo sujeito cultural inserido em uma geografia específica do pós-colonial.

Palavras-chave: romance angolano contemporâneo; guerra de libertação; sujeito pós-colonial.

CHANGE OF SKIN: THE POST-COLONIAL SUBJECT IN *MAYOMBE*, OF PEPETELA

ABSTRACT: In *Mayombe* (1980), Pepetela presents a social and political panel of the period of the war for the liberation of Angola, making us a glimpse of the set of open fractures of the Angolan society: tribalism, sexism, corruption within the Popular Movement for the liberation of Angola (MPLA) and its consequences in the process of construction of the new country. In this context, develops an inevitable "change skin" as is questioned the usurpation of the territory and of the Angolans subjects by Portuguese colonialism and capitalism, revealing a new cultural subject inserted in a post-colonial specific geography.

Keywords: Angolan contemporary novel; war of liberation; post-colonial subject.

¹ Professora Titular do curso de Letras e do Mestrado em Letras Linguagens e Representações da UESC. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). inarabr@uol.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista CAPES do PPGL Linguagens e Representações e integrante do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). maiane.tigre@hotmail.com.

E por isso procuro essas situações no passado para minha literatura. O objetivo é este: a procura das linhas da chamada “angolanidade”. (Pepetela)³

Ao intitular de *Mayombe*, floresta tropical de Angola, seu romance publicado em 1980, Pepetela resgata as experiências e percepções que viveu da violência instaurada contra o espaço coletivo angolano sob a égide do colonialismo português, problematizando o complexo jogo de forças contraditórias desencadeadas no cotidiano dos guerrilheiros e do povo daquele país em formação. Desse modo, e reforçando um dos traços fundamentais de sua escrita ficcional, o autor configura, nessa narrativa, mais um quadro de relevante envergadura histórica sobre a realidade angolana.

Para Macedo (2009, p. 277), Pepetela, ao focalizar eventos históricos em seu romance, não apenas se atém a uma vigorosa descrição dos fatos ocorridos em Angola, mas realiza um “questionamento da conjuntura sócio-política do país”, antecipando discussões a contrapelo do discurso político oficial. Além disso, faz uma crítica aguda à Angola pós-independência, representada pelos seus dirigentes políticos, e à estrutura social que se formou de um processo marcado por desmandos de natureza diversa. Em outras palavras, Pepetela reinterpreta literariamente a própria narrativa histórica de seu país.

Na retextualização literária da história realizada em *Mayombe* (1980), acompanha-se o processo de metamorfose do sujeito colonial, uma “mudança de pele” desse sujeito ao longo da narrativa, problematizando-se os novos agenciamentos críticos que se desvelam nessa modificação processual. Para tanto, inicialmente, trata-se de delinear o que se pode reconhecer como sujeito cultural pós-colonial no âmbito das teorias críticas que se pautam pelas implicações econômicas, sociais, mas também culturais e epistemológicas dos diferentes colonialismos impostos, sobretudo, ao continente africano; e, em um segundo momento, apontam-se as peculiaridades desse sujeito no romance de Pepetela em estudo.

2. O sujeito cultural no âmbito dos agenciamentos críticos pós-coloniais

O momento atual é propício a discussões orientadas em torno do pós-colonial, primordialmente quando se pensa no contexto africano de resistência à dominação colonial e das implicações sociais, históricas, políticas e culturais impostas às nações colonizadas.

³ Entrevista disponível em: <http://www.portalraizes.com/1pepetela-a-geracao-da-utopia/>. Acesso em: ago.2016.

À priori designado como o período correspondente ao processo de independência das colônias, o termo pós-colonial é incorporado pelos críticos literários com vistas a estabelecer discussões em torno dos reflexos da colonização no mundo, e mais particularmente, nos territórios do Sul.

Para Stuart Hall (2003, p.56), o pós-colonial “[...] marca a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outra. [...] No passado, eram articuladas como relações desiguais de poder e exploração entre as sociedades colonizadoras e colonizadas.” Assim, as produções culturais da pós-colonialidade difundem a chamada descolonização teórica, epistemológica, cultural dos povos do Sul, com pretensão de reformular a história contada com os olhos do Ocidente. Cabe, entretanto, dosar criticamente a opinião sobre o pós-colonial, pois também se refere ao conjunto de práticas culturais de “estilo ocidental, e formação ocidental, que intermedeia, na periferia, o comércio de bens culturais do capitalismo mundial” (APPIAH, 1997, p. 208), dada a sua “genealogia eurocêntrica” (MATA, 2014, p.27).

Desse modo, se por um lado, o pós-colonial desloca-se da margem em direção ao centro, por outro, volta-se contra o centro numa “atitude de redenção” para com as racionalidades contra-hegemônicas. Entende-se, portanto, que embora não exista uma única maneira de conceituar o pós-colonial, da mesma forma, não existe uma única via de compreensão desse fenômeno. Apesar disso, conforme Santos (2010), a perspectiva pós-colonial confere certa visibilidade às vítimas do colonialismo, por exemplo, quando questiona os gestos de exclusão cultural e sociais advindas do estatuto colonial e atualizados nas estruturas de poder eurocêntricas.

Pensar o pós-colonial supõe uma heterogeneidade conceitual que vai além da literalidade do vocábulo “pós”, isto é, o que vem depois do colonial, abrangendo o conjunto de experiências de grupos culturais distintos que disputam a consolidação de subjetividades protagonistas de transformações efetivas. Apesar do pós-colonial, Santos (2004, p. 8) assinala “que dão primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo”. Outra concepção do pós-colonial pode ser identificada a seguir:

Sendo o pós-colonial, assim, um conceito que remete a uma multiplicidade de posições (geográfica, cultural, histórica, subjetiva), perguntar onde está o pós-colonial no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa implica responder a outras indagações, por exemplo, sobre quem é o sujeito pós-colonial nessas sociedades e qual o seu lugar, onde está representado e localizado. Tal pergunta reivindica o lugar concreto, o referencial histórico e

político do conceito, que combate o risco da diluição do sujeito pós-colonial num alargamento demasiadamente amplo do significado de sua experiência, alargamento que no limite abrangeria, genericamente, a humanidade inteira (SCHMIDT, 2011, p. 139).

Leite (2013, p. 10) ao discutir as formulações do pós-colonial na literatura africana de Língua Portuguesa apresenta-a, não raro, enquanto percurso crítico, englobando “todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial [...] em que predomina a resistência às ideologias colonialistas”. Conquanto tenha em vista sua origem anglo-saxônica e o campo de interesse envolvido, houve uma transmigração do conceito para outras regiões do globo marcadas pela colonização europeia, especialmente adequado e aplicado aos contextos pós-coloniais das ex-colônias portuguesas, tal como no caso do Brasil, atualizando através da literatura, textualidades “reveladoras de sentidos críticos sobre o colonialismo” (LEITE, 2013, p.10). A definição do pós-colonial reverbera para o foro da produção literária, possuindo tantos outros conceitos e uma lista de autores a defini-los. Na concepção abaixo, Bonicci (1998, p.09), aponta a literatura africana de língua portuguesa e o seu corpus como uma literatura eminentemente pós-colonial:

Outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial, que pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências européias entre o século XV e XX. Portanto, as literaturas em língua espanhola nos países latino-americanos e caribenhos; em português no Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique; em inglês na Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar, ilhas do Pacífico e do Caribe, Nigéria, Quênia, África do Sul; em francês na Argélia, Tunísia e vários países da África, são literaturas pós-coloniais. Apesar de todas as suas diferenças, essas literaturas originaram-se da “experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial” (Ashcroft et al., 1991).

Hall (2003) argumenta que em face da pluralidade de antagonismos residentes na diferença cultural, os essencialismos identitários não produzem mais identificações sólidas nos indivíduos. De sorte que se projetam as tensões geradas no âmago das identidades, pois até mesmo a “identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero e orientação sexual” (HALL, 2003, p.12).

A formatação da identidade cultural, isto é, como as identidades são fundadas na pós-colonialidade, torna-se crucial para leitura dos novos paradigmas que se instalam nas sociedades pós-coloniais. A identidade está fadada a polêmicas teóricas de toda ordem, especialmente no que tange a sua fragmentação. Ultimamente compreendida no entrelaçamento

dos variados fios identitários, a identidade deixou de ser una e passou a ser concebida como espectro de inesgotáveis possibilidades de afirmação:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1998. p. 13).

Há que se considerar, entretanto, como afirma Mata (2014, p.31), que a teoria pós-colonial pode ser compreendida como “instrumento de análise da hegemonia e desvelamento da colonialidade do saber segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação a tendência hierarquizante da diferença”, diferença que se instaura também no plano das identidades, afinal, fica implícita uma espécie de colonialidade do ser. Em se tratando das identidades dos sujeitos pós-coloniais, pode-se discutir acerca do ressentimento do colonial, visto que, genericamente, essas identidades são o resultado de uma violência cultural que produziu fraturas na identificação desses indivíduos.

Acerca disso, pensa-se logo na colonização de identidades, que se manifesta através da legitimação de identificações diversas tributárias do pensamento ocidental, graças à assimilação. Em contrapartida, “a inconsciência dessa colonização “invisível” (e consentida), porque inconsciência, bloqueia qualquer resistência [...], por exemplo, as literaturas dos países africanos, ou de outras regiões periféricas nacionais dominadas pelo cânone” (MATA, 2014, p. 33).

A representação do sujeito pós-colonial ocupa o cerne dos debates sobre o pós-colonial, assim a espacialização e subjetividade desse sujeito devem ser traduzidos culturalmente. Akassi (2010) elucida as expressões sujeito pós-colonial na formulação Edmond Cros (1995) e de sujeito da pós-colônia, a partir de Mbembe (2000,2001) como chaves teóricas e interpretativas das propostas epistemológicas e hermenêuticas face à tentativa de definição desse sujeito e de sua presença no contexto da pós-colonialidade.

Em suma, cabe ressaltar alguns dos percursos críticos do pós-colonialismo, quando se trata de admitir as consequências de sua existência sob perspectiva social, política, histórica, econômica. Akassi (2010, p.332) ao analisá-lo expõe os fatores ideológicos e temporais apreendidos por trás de sua natureza semântica, conforme pode ser examinado a seguir:

Son discursos cuyo objeto, el *poscolonialismo*, esta en construccion: lo cual les confiere un caracter no definitivo; y me lleva tambien a traer a colacion

una de las senas de los discursos o teorías poscoloniales, que es la complejidad semántica de su objeto. Porque el *poscolonialismo* sugiere un *a fortiori* temporal, algo que adviene después de la colonización, pero dentro de una diacronía que sigue teniendo algo de *traces* (huellas) y/o de continuidad (y por ende, de dominación) coloniales. El pos sugeriría que, pongamos el caso de la literatura, todas las literaturas. El sujeto cultural (pos)colonial y de la poscolonia de los países antiguamente colonizados fueran literaturas poscoloniales.

Justificam essa perspectiva crítica tanto o reconhecimento de que o continente africano não se livrou totalmente da condição de ex-colônia, quanto a compreensão de que as independências dos países africanos foram de ordem política, com significativas limitações internas e, em geral, mantendo-se a fragilidade da economia e do ideário nacional local, por meio daquilo que Akassi (2010, p.333) chamou de “canibalização da cultura”. Com efeito, o autor discute a emergência de uma África que atualmente sobrevive sob o estatuto do ex-sujeito colonizador europeu, em consonância com a permanência de um ex-sujeito colonizado africano. Dessa forma, instaura-se um passado de exploração no presente, prolongando sua existência, e de um presente que reativa/retoma experiências de exploração do passado.

Akassi (2010, p.337) sintetiza o pensamento de Cros (1995, p. 53) acerca do estado das identidades, assegurando, como Hall (1998), que “já não se pode ter uma identidade fixa, mas movediça, ambígua, ambivalente (crises de identidade) – argumento que se justifica ao se admitir os choques decorrentes do contato colonial – entretanto, trata-se de reconhecer a indissociabilidade entre colonizado e colonizador, favorecendo a constituição de um sujeito cultural pós-colonial “sem dúvida profundamente e para sempre difratado”. Na ótica de Cros, o choque colonial possibilitou a formação de “um tipo de sujeito cultural (pós)colonial que, entre outras vertentes identitárias, é de tipo híbrido: sujeito colonizador e colonizado” a um só tempo (CROS apud AKASSI, 2010, p.337).

De modo similar, Mbembe (2000 apud AKASSI, 2010, p. 338) pressupõe diferente configuração para o sujeito da pós-colônia, a quem identifica como sendo “el hermano-enemigo [...] sujeto de poder y reproductor de la figura del sujeto colonizador”. Distingue-se sobremaneira do sujeito cultural pós-colonial, visto que esse último se encontra em processo de resistência e subversão/transgressão das práticas e ações coloniais, enquanto que o sujeito da pós-colônia assume performaticamente o papel do ex-colonizador europeu, isto é, de reprodutor da dominação/exploração contra os negros, só que agora praticada pelos próprios “irmãos” negros.

3. Mudança de pele: o sujeito cultural (pós) colonial em *Mayombe*

A luta pela independência mescla sentimentos e percepções diversas acerca do espaço angolano, ressemantizado a partir da apropriação de um imaginário *à priori* histórico/sociológico/utópico e pela pertença ao projeto político nacional da libertação de Angola. Neste quadro em efervescência convivem africanos x portugueses e africanos x africanos, em constante guerra por suas distintas filiações políticas, étnicas e nacionais. Em *Mayombe* (1980), as identidades estão sob a mira do conflito étnico/racial interno e externo, quer seja com o sujeito colonizador europeu, quer seja com africanos de outras etnias. A colonização das identidades, torna-se possível graças ao colonialismo, por meio do qual se vislumbra o flagrante caldo de culturas descrito na narrativa, corroborando uma infinidade de proposições teóricas, na ordem do entre-lugar, do não-lugar, da contingência na formatação identitária.

A identidade cultural do sujeito (pós) está integrada ao colonialismo, ao mesmo tempo em que deseja ultrapassar suas fronteiras colonizadoras. Marcada por atravessamentos de natureza política e histórica, a constituição identitária angolana situa-se na possibilidade de não representação do Outro. Trata-se de uma identidade, segundo o autor referido, (con)formada, pois nela se amalgama informações, imaginários, pensamentos, vivências culturais de espécie diversa, informando/enformando os novos sujeitos culturais pós-coloniais.

A leitura da obra de Pepetela, por Abdala Júnior (2006, p. 213), revela um autor preocupado em posicionar-se contra o dogmatismo, ao mesmo tempo em que tenta romper com a dependência colonial, como problematizada na obra *Mayombe* (1980), cujos heróis estão representados como figuras dessacralizadas. Desse modo, Pepetela “redescobre o país para (re) imaginá-lo”, isto é, lança um olhar oblíquo, transversal sobre a construção da nacionalidade do seu país. A respeito da literatura angolana, Lienhard (2010, p. 54) afirma que Pepetela cria uma literatura comprometida com a descolonização do pensamento e das identidades coloniais dos sujeitos.

Publicada em 1980, cujo período coincide com a independência de Angola, conquistada em 1975, o romance desenha um panorama inspirador do esforço do povo angolano para emancipar-se. A trama desenrola-se no território de Cabinda, província de Angola, na qual os guerrilheiros, distendidos por entre as folhas e as lianas do Mayombe, abrem caminhos por passagens arriscadas para vencer o inimigo português que avança progressivamente. Sob o

“manto dourado” do Mayombe, expressão utilizada por Pepetela para descrever o céu majestoso e protegido da floresta, um novo sujeito angolano vai despontando. Nessa linha de raciocínio, teoriza-se a dimensão da angolanidade primordialmente por seu aspecto unificador da nação e das forças angolanas, a qual, na visão de Mário Pinto de Andrade, carrega a seguinte definição:

[...] a angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abraça e ultrapassa dialecticamente os particularíssimos das regiões e das etnias, em direcção à nação. Ela opõe-se a todas as variantes de oportunismo (com as suas evidentes implicações políticas) que procuram estabelecer uma correspondência automática entre a dose de melanina e dita autenticidade angolana. Ela é, pelo contrário, linguagem da historicidade dum povo (KAJIBANGA, 2000, apud BATSÍKAMA, 2013).

Essa historicidade está fortemente demarcada pelas inter-relações capitalismo/colonialismo, devendo-se entender que: “[...] capitalismo e colonialismo não se confundem. O capitalismo pode desenvolver-se sem o colonialismo, enquanto relação política [...], mas não o pode fazer sem o colonialismo enquanto relação social” (SANTOS, 2010, p. 38). Em *Mayombe* (1980), destacam-se as semelhanças entre a exploração colonialista e a capitalista exercidas pelos portugueses sobre o povo angolano. Desse modo, são percebidas, no conjunto do romance, algumas premissas fundantes da doutrina marxista: mais-valia, alienação, ideologia e luta de classes.

Acerca da presença da mais-valia, o Comissário esclarece aos trabalhadores como estão sendo vilipendiados em relação ao lucro pelos colonizadores: “—Vocês ganham vinte escudos por dia, para abaterem as árvores a machado [...]. Mas quantas árvores abate por dia a vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão.” (PEPETELA, 1980, p. 35). Além disso, na perspectiva marxista, a superação da exploração somente pode efetivar-se com a desalienação do sujeito, como exemplifica a passagem em que o comandante Sem Medo instiga o guerrilheiro Lutamos: “[...] Queres continuar a ser um tapado, enganado por todos [...] As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros.” (PEPETELA, 1980, p. 75). Por fim, a luta de classes é apresentada com ênfase nacionalista e como saída para romper com a exploração colonial e capitalista: “Somos soldados que estamos a lutar para que as árvores que vocês abatem sirvam o povo e não o estrangeiro. Estamos a lutar para que o petróleo de Cabinda sirva para enriquecer o povo e não os americanos [...] nós lutamos contra os colonialistas.” (PEPETELA, 1980, p.36).

Todavia, Pepetela aponta a descrença experimentada por parte dos guerrilheiros, e posteriormente sentida pelo povo de Cabinda, quando apresenta uma reflexão do comandante Sem Medo: “[...] o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens [...] Ora vamos tomar o poder e que vamos dizer ao povo? Vamos construir o socialismo. Ao fim de cinco anos, o povo começará a dizer: mas esse tal socialismo não resolveu este problema e aquele.” (PEPETELA, 1980, p. 111).

A narrativa problematiza, assim, personagens metamorfoseados política e culturalmente no processo de luta pela independência; nesse processo, o sujeito angolano é um sujeito em tensão, em profunda crise de construção identitária, que tenta redefinir a identidade nacional rasurada pela subordinação ao jugo colonial:

Eu, o narrador, sou Teoria. [...] Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o mundo é geralmente maniqueísta. (PEPETELA, 1980, p. 14).

Parece ser esse o esforço de Pepetela em *Mayombe*: instigar uma reflexão crítica não maniqueísta, mas, ao contrário, complexa e aberta à construção da “angolanidade”. Nesse sentido, a personagem Comissário é o principal representante da transição para a condição de sujeito pós-colonial. Ao confessar as suas percepções e sentimentos a respeito da morte do amigo e líder, o comandante Sem Medo, o Comissário revela ter experimentado uma mudança de pele de vinte e cinco anos, semelhante à vivida pelo sujeito cultural (pós) colonial:

A morte de Sem Medo constituiu para mim a mudança de pele dos vinte e cinco anos, a metamorfose. Dolorosa, como toda metamorfose. Só me apercebi do que perdera (talvez o meu reflexo de dez anos projetado à frente) quando o inevitável se deu [...]. Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam escrever para despir a pele que lhes não cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante [...]. Penso, como ele, que a fronteira entre a verdade e a mentira é um caminho no deserto. Os homens dividem-se dos dois lados da fronteira. Quantos há que sabem onde se encontrar esse caminho de areia no meio da areia? Existem, no entanto, e eu sou um deles. (PEPETELA, 1980, p. 247).

O sujeito angolano, em *Mayombe* (1980), forja-se concomitantemente ao processo de luta pela independência do país a partir da não distância entre o colonial e o pós-colonial, representando o estágio de luta social e política em prol do movimento da descolonização.

Dessa forma, reconhecer a constituição do sujeito cultural pós-colonial no cenário angolano por meio da metáfora “mudança de pele” implica compreendê-la enquanto modificação do sujeito colonial a partir da qual emerge um sujeito metamorfoseado pela consciência política, histórica e ideológica, revelando, conseqüentemente, o sujeito pós-colonial angolano em pleno verde do Mayombe, no seio da revolução. Um sujeito cultural pós-colonial ainda em construção.

Considerações finais

A imagem do sujeito cultural angolano, construída a partir das agências de representação do poder eurocêntrico, subordinava-se à preconizada pelo império colonial, indissociável, por sua vez, do sujeito colonizador. A conquista da independência de Angola dirigiu os ventos para outras direções, atuando na conformação do ex-sujeito colonizado, propiciando uma mudança de pele durante os vinte e cinco anos de luta, conforme protagonizado pelo Comissário, o que se associa, em grande medida, ao ideal da angolanidade incorporado epidermicamente na consolidação da nação.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, em tal contexto, a literatura angolana (assim como as demais literaturas africanas de língua portuguesa, em suas muitas especificidades) constituiu-se em resistência aos signos eurocêntricos inscritos na memória coletiva da nação, e do que seria a África e os povos africanos. Por meio da teoria pós-colonial, percebe-se como o sujeito angolano reconceitualiza suas narrativas históricas e repensa os legados culturais transmitidos com uma lente própria e ajustada à realidade de seu país.

De modo mais abrangente, entretanto, igualmente se reconhece que as limitações de agenciamentos críticos não ficaram circunscritas ao período colonial, visto que ainda hoje assoma-se uma rede de silenciamento/exploração sobre os povos ex-colonizados, um dos efeitos do paradoxo pós-colonial. Por isso, afirma-se a importância desse romance de Pepetela, no qual o sujeito redescobre-se em meio a uma Angola destruída pela guerra colonial, sob a nova roupagem do (pós) colonial: um sujeito inacabado, difratado, ainda sob tensão e em conflito consigo mesmo, mas em constante mutação nos desafiadores caminhos pela sua emancipação e de seu povo, enfrentando uma utopia que não se quer ingênua, mas aberta às complexidades de um devir que não cessa de exigir outros caminhos e saberes.

Referências Bibliográficas

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Panorama histórico da literatura angolana. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

AKASSI, Clement. “El sujeto cultural (pos)colonial y de la poscolonia: ¿Hacia una crítica literaria para los estudios hispanoaficanos?”. *Sociocriticism*- Vol. XXV, 1 y 2, pp 330-351, 2010.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BATSÍKAMA, Patrício. Leitura antropológica sobre Angolanidade. *Sankofa - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Ano VI, Nº XI, agosto, 2013.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. 2. ed. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

LIENHARD, Martin. Situação diglósica e narrativa moderna em Angola. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa et. al. (Org.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo-verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro; Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.

MACEDO, Tania. O romance em Angola: ficção e história em Pepetela. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel; SILVEIRA, Regina da Costa. (Org.). *Redes & capulanas: identidades, cultura e história nas literaturas lusófonas*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2009.

MATA, I. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas*, Volume 14, número 1, janeiro-abril 2014, p. 27-42.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: LeYa, 1980.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial: e para além de um outro*. Centro de estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHIMDT, Simone. *Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço. e a condição pós-colonial na literatura angolana)*. Disponível em: <www.uff.br/revistaabril/revista-02/012_simone%20schmidt.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2011.

Recebido em: 06/11/2016
Aceito em: 29/12/2016